

Cerâmica Moderna de Lisboa: proposta tipológica

Jacinta Bugalhão | Direcção-Geral do Património Cultural e Investigadora da UNIARQ (FL – UL) e do CEAACP (UC – CAM)

Inês Pinto Coelho | Bolseira de Doutoramento da FCT e Investigadora do CHAM (FCSH/NOVA – UAç)

1. Objectivos

O objectivo do presente estudo é a definição de um quadro tipológico para os objectos cerâmicos produzidos e utilizados em Lisboa, no período moderno (entre os séculos XV e XVIII), integráveis nas produções de cerâmica comum (incluindo cerâmica pintada, manual e brunida), de cerâmica vidrada (excluindo as produções de cerâmica vidrada/esmaltada a branco, faiança, grés e porcelana) e de cerâmica fina (incluindo cerâmica com decoração modelada, incisa e pedrada). As produções consideradas de exportação foram excluídas do presente estudo.

Nos últimos anos tem-se vindo a assistir a um interesse crescente pela arqueologia de época moderna, traduzido num aumento de estudos e referências bibliográficas, embora com manifestações irregulares no território português (Teixeira e Bettencourt, 2012; Gomes, 2014). Para este processo contribuíram decisivamente as *Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval* promovidas em Tondela (1992, 1995, 1997 e 2000; publicadas em 1995, 1998, 2004 e 2008), bem como a orientação curricular e prática da licenciatura em Arqueologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e a extraordinária intensificação da actividade arqueológica urbana. Expressão desta realidade pode constatar-se no programa do *I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses* realizado no final de 2013, no qual cerca de 15% das comunicações e *posters* incidiram sobre contextos de época moderna (Arnaud, Martins e Neves, 2013); mas, principalmente, no programa do *I Encontro de Arqueologia de Lisboa* que agora se publica, no qual quase 50% das comunicações incidiram sobre o mesmo período histórico.

Assim sendo, pensa-se ser o momento de promover alguma reflexão de síntese sobre um volume já significativo de informação científica e arqueológica produzida. Neste âmbito, a cerâmica, como espólio mais abundante e informativo no registo arqueológico de período moderno, adquire especial relevância. Assim, considerou-se adequado promover uma proposta de normalização terminológica para os objectos cerâmicos de

época Moderna, recolhidos na cidade de Lisboa. Atendendo ao carácter recente dos estudos arqueológicos de época moderna entre nós, não estão disponíveis propostas tipológicas para cerâmica deste período histórico, existentes e por vezes até abundantes, para outros.

A importância da normalização em ciência é evidente, mas neste caso concreto visa essencialmente disponibilizar um instrumento básico para a classificação de objectos, promovendo a clareza de conceitos aplicados e facilitando a comunicação científica e a divulgação pública. Salienta-se que a tipologia aqui reproduzida é uma primeira proposta para as produções cerâmicas referidas, considerando-se por isso apenas um momento inicial de um trabalho mais vasto, que seguramente prosseguirá em futuro próximo.

Embora não exista qualquer proposta tipológica para a cerâmica moderna da cidade de Lisboa, estão publicados alguns estudos que constituem referências incontornáveis para este propósito. É o caso dos estudos das cerâmicas exumadas na Rua do Benfornoso, n.ºs 168/186 (Marques, Leitão e Botelho, 2012) e das cerâmicas exumadas na Casa do Governador, Castelo de São Jorge (Gaspar *et al.*, 2009), conjuntos datados dos séculos XV-XVI.

De igual forma cumpre referir que são conhecidas colecções cerâmicas que, pela extraordinária dimensão, diversidade e estado de conservação, contêm igualmente potencial para fornecer elementos fundamentais para o conhecimento da cerâmica de época moderna da cidade de Lisboa, mas que permanecem em grande parte por estudar e publicar. É o caso do conjunto cerâmico recolhido em 1996, no Largo do Corpo Santo (CNS 16681), datado entre o final do XV e meados do século XVI; e do conjunto cerâmico recolhido em 2012 e 2013, no âmbito do projecto de Requalificação Paisagística do Largo do Coreto de Carnide e ruas adjacentes, datado dos séculos XVI e XVII.

2. Metodologia

A abordagem metodológica seguida baseou-se nos pressupostos utilizados para estudo idêntico realizado para cerâmica islâmica pelo Grupo CIGA - Projecto para o estudo da Cerâmica Islâmica do Garb al-Andalus (Bugalhão *et al.*, 2010).

A recolha de informação iniciou-se com o levantamento exaustivo das referências sobre contextos arqueológicos da cidade de Lisboa em época Moderna, tendo-se reunido um total de 147 títulos. Destes, um total de 49 trabalhos forneceram informação útil para o

estudo em curso, sendo que se referem a um conjunto de 45 sítios arqueológicos distintos. Deste 45 sítios, apenas 36 facultaram informação útil para a constituição da tipologia, pois destes apenas destes estão publicados desenhos de peças íntegras ou quase. Os restantes nove sítios arqueológicos apresentam referências bibliográficas com informação sobre as colecções cerâmicas de época moderna, mas sem ilustração ou ilustradas apenas com recurso à fotografia. Resta referir que, na maioria dos casos, os estudos referidos são publicação parcial das colecções cerâmicas, não incidindo sobre a sua totalidade.

Neste contexto, foi constituído um *corpus* que reúne todos os objectos cerâmicos íntegros (ou quase) publicados, com referência à produção, tipologia, função e cronologia atribuídas. O *corpus* integrou quase exclusivamente recipientes cerâmicos de uso doméstico (mesa, cozinha, armazenamento, iluminação, higiene e outros), a que se juntam alguns objectos de uso lúdico e outros relacionados com a actividade comercial, estando ausentes nos conjuntos cerâmicos publicados, a cerâmica de construção e a cerâmica de uso agrícola ou artesanal.

Numa segunda fase, agruparam-se os recipientes cerâmicos constantes no *corpus* nas três grandes produções inicialmente consideradas: cerâmica comum (inclui pintada, manual, brunida), cerâmica vidrada (excluindo as produções de cerâmica vidrada/esmaltada a branco, faiança, grés, porcelana) e cerâmica fina (incluindo cerâmica com decoração modelada, incisa e pedrada). Deve referir-se que na definição destas produções não foi considerada qualquer abordagem técnica ou tecnológica. Assim, não foram estabelecidos grupos de produção a partir de pastas cerâmicas ou de variantes tecnológicas de produção oleira.

Numa terceira fase, procedeu-se ao agrupamento dos recipientes cerâmicos constantes no *corpus* em “tipos” coerentes, consideradas as suas forma, morfologia e função. Para cada tipo, sempre que possível foi ilustrada a sua evolução entre os séculos XV e XVIII, em função das cronologias atribuídas pelos respectivos autores. Foram assim elaboradas tabelas gráficas - estampas - para cada tipo, por produção e cronologia. De referir que as estampas utilizaram os desenhos publicados mas que estes foram objecto de vectorização, uniformizando critérios gráficos. Na legendagem das estampas constam os créditos bibliográficos, com excepção das ilustrações do candeeiro e das pedras de jogo, elaboradas pelas autoras e que agora se publicam.

Finalmente, ponderou-se a questão da nomenclatura/terminologia a atribuir a cada tipo. Para este efeito recorreu-se à recolha bibliográfica e documental (não foi efectuada

consulta primária de fontes) relativa à terminologia histórica respeitante a objectos cerâmicos, com base em alguns estudos e colectâneas de referência (Braga, 2001; Fernandes 2012; Freire, 2001; Gomes 1996; Ribeiro, 1987; Torres, Gómez e Ferreira, 2003). Foi igualmente considerada a prática arqueológica, ou seja, foram considerados os termos utilizados pelos arqueólogos/autores nos textos publicados para referenciar os diversos recipientes cerâmicos. A este respeito refira-se que, nos 54 títulos bibliográficos que constituíram a fonte de informação para o presente trabalho, não é proposta ou fundamentada uma terminologia específica e que, conseqüentemente, são utilizados termos distintos para designar o mesmo tipo de recipiente e o mesmo termo para designar recipientes distintos, quer a nível morfológico, quer a nível funcional.

Assim, foram recolhidos todos os termos: a) presentes na já mencionada bibliografia de referência relativa a terminologia aplicada a objectos cerâmicos, com base em fontes documentais e b) utilizados pelos arqueólogos/autores das 54 referências bibliográficas que constituíram a fonte de informação para o presente trabalho.

Para estes termos foi efectuada pesquisa de significação (com recurso a diversos dicionários de referência da língua portuguesa: Bluteau, 1712-1728; Silva, 1949-59; Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia de Ciências, 2001) e pesquisa etimológica, com recurso a dicionário etimológico (Machado, 1987). Desta forma procurou-se determinar o significado, tanto quanto possível, original dos termos, bem como a sua origem e antiguidade linguística.

Relativamente à determinação da antiguidade dos termos, recorreu-se igualmente aos estudos e colectâneas de referência já mencionados (Braga, 2001; Fernandes 2012; Freire, 2001; Gomes 1996; Ribeiro, 1987; Torres, Gómez e Ferreira, 2003), uma vez que estes também contêm igualmente abundantes referências documentais. Salienta-se o estudo de Isabel Fernandes (2012) que referencia terminologia cerâmica num conjunto muito alargado de documentos, determinando a sua utilização em épocas concretas (num total de dezassete documentos, posturas, taxas e regimentos de oleiros, datados entre os séculos XII e XVIII) (Fernandes, 2012, Parte I, Tabela 44, p. 281). Assumem particular relevância os regulamentos municipais relacionados com a olaria, nas suas vertentes de produção e comercialização.

Na selecção da terminologia a utilizar nesta proposta tipológica, privilegiaram-se os termos que nos vários dicionários remetiam para um recipiente cerâmico com uma determinada morfologia e funcionalidade e cuja utilização remonta, pelo menos, ao século XV.

Do conjunto de termos recolhidos, várias questões se levantam, como por exemplo a existência de regionalismos, ou seja, termos utilizados apenas numa região específica. Em algumas fontes, relacionadas com grupos socio-económicos elevados (como os livros de receitas ou os inventários de herança, por exemplo), a referência a objectos de luxo ou consumo restrito que poderão ter uma ocorrência muito residual em contexto arqueológico. Verificou-se também que estão referenciados muitos termos cujo “objecto-significante” se desconhece. Noutros casos, consideraram-se alguns termos sinónimos.

3. Proposta tipológica

Apesar destas dificuldades, da pesquisa efectuada, resultou um conjunto de 37 termos que designam 37 “tipos” cerâmicos, das três produções referidas, de época moderna, utilizados na cidade de Lisboa. Este *corpus* integra objectos cerâmicos, distribuídos pelas funcionalidades de cerâmica de cozinha, cerâmica de mesa, cerâmica de armazenamento e transporte, cerâmica de uso higiénico, cerâmica de iluminação, cerâmica utilizada em actividades lúdicas e cerâmica para outros usos de âmbito doméstico.

(Inserir tabela 1)

Após o estabelecimento da tabela tipológica com os termos seleccionados, revisitaram-se as fontes bibliográficas que forneceram objectos cerâmicos, íntegros ou quase, de época moderna. Estes foram reclassificados de acordo com a terminologia seleccionada.

Sempre que adequado, foram propostas novas balizas cronológicas para as peças. Considerou-se igualmente o sítio arqueológico (entre os 45 sítios com acervos cerâmicos de época moderna publicados) onde foi recolhida cada peça, de forma a aferir a dispersão e a frequência de representação de cada tipo/produção. Contudo, não se pode considerar esta uma abordagem estatística sobre a frequência de cada tipo. Considerou-se apenas a presença/ausência nos 45 sítios arqueológicos ponderados no presente estudo, para avaliar, muito genericamente, quais os tipos/produções mais ou menos comuns no registo arqueológico estudado e publicado da cidade de Lisboa.

Uma análise estatística só seria possível se as colecções cerâmicas tivessem sido estudadas e contabilizadas uniformemente, o que não se verifica. Aliás em muito poucos casos são fornecidos quaisquer elementos sobre as frequências relativas de cada produção/tipo.

Por fim foi elaborada uma ficha para cada um dos 37 tipos cerâmicos definidos, contemplando: designação, função, forma, morfologia (variantes morfológicas), produções (em que o tipo surge representado; sempre que existe informação disponível, é também referida a existência do mesmo objecto em materiais não cerâmicos), etimologia e referências documentais (procurando referir a indicação cronológica mais antiga de que se dispõe), outras designações (termos considerados sinónimos, referidos na documentação coeva e/ou utilizados na bibliografia arqueológica) e ocorrência (percentagem de sítios, dos 45 representados no estudo, em que o tipo ocorre).

Tipologia: fichas (ordenadas alfabeticamente por tipo)

Designação	Açucareiro
Função	Usado para servir à mesa e armazenar doces, compotas, mel e açúcar. Utilizado colectivamente. Poderia igualmente ter função decorativa.
Forma	Recipiente de pequena dimensão, envasado ou de tendência bojuda e, por vezes, com pequeno colo e ligeiramente fechado; geralmente com duas asas.
Morfologia	Apresenta bordos boleados ou rectos, alguns dos quais com aba exterior. Mostra paredes rectas, por vezes hemisféricas, geralmente com duas asas verticais, existindo algumas variantes que oferecem asas horizontais, e assentam em base plana. Do ponto de vista decorativo apresentam motivos efectuados através de estampilhagem e de digitação simples, tanto pelo interior como pelo exterior formando frisos com linhas de ônfalos no corpo da peça ou ainda através da combinação de ambos originando uma deformação na peça através da pressão dos dedos contra a parede. Por vezes, apresenta também uma banda com incisões oblíquas efectuada através do mesmo processo de pressão de um instrumento pelo exterior, assim como, bandas com incisões horizontais, com recurso a instrumento por incisão/pressão.
Produções	Cerâmica comum, modelada e vidrada.
Etimologia e referências documentais	O termo provém do árabe; surge na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Boião, potinho e taça.
Ocorrência	Referido em 11% dos sítios.
Figura	Figura 1.

Designação	Alguidar
Função	Usado na cozinha, na lavagem e preparação dos alimentos. Utilizado igualmente na higiene pessoal.
Forma	Recipiente de pequena, média ou grande dimensão, de forma troncocónica aberta (diâmetro de bordo muito superior ao

	diâmetro de fundo e à altura); fundo plano.
Morfologia	Apresenta bordo extrovertido, demarcado exteriormente, com lábio em voluta, de secção semicircular; paredes mais ou menos oblíquas; assenta em base plana, por vezes, demarcada na superfície externa.
Produções presentes no conjunto em estudo	Cerâmica comum, por vezes, com decoração incisa na superfície externa, nomeadamente, com motivos ondulantes, ou com engobes e motivos decorativos compostos por linhas concêntricas. Cerâmica vidrada em tons de verde e melado. O vidrado surge em ambas as superfícies ou apenas na superfície interna, mostrando vestígios deste tratamento na superfície externa, por vezes apenas na zona do bordo.
Etimologia e referências documentais	O termo provém do árabe e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Almofia e bacia.
Ocorrência	Referido em 60% dos sítios.
Figura	Figura 2.

Designação	Almofariz
Função	Usado na cozinha para pisar ou triturar alimentos sólidos/duros, com um pilão. Recipiente de botica para pisar ou triturar substâncias medicinais.
Forma	Recipiente de tamanho pequeno ou médio, de forma aberta, base plana, espessa e maciça; por vezes apresenta duas asas.
Morfologia	Apresenta bordo triangular ou rectilíneo, na maior parte dos casos, extrovertido, demarcado exterior e, por vezes, interiormente, com lábio de perfil semicircular. Assenta em base plana e espessa, nalguns casos demarcada na superfície externa. Alguns exemplares mostram estrias na parede interna e ainda bico para verter o preparado, assim como pegas/asas ao nível do bordo e parte superior do corpo.
Produções	Cerâmica comum, madeira, metal, pedra e vidro.
Etimologia e referências documentais	O termo provém do árabe, por via do castelhano e surge na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	Alguidar de pedra (?) e gral.
Ocorrência	Referido em 9% dos sítios.
Figura	Figura 3.

Designação	Apito
Função	Utilizado em actividades lúdicas ou artísticas; para assinalar sonoramente um chamamento.
Forma	Pequeno objecto de forma fechada, oval, por vezes adquirindo forma figurativa (de pássaro ou cavalo, por exemplo); possui orifícios e bico tubular, funcionais.
Morfologia	Mostra feição oval ou globular, de iconografia zoomórfica.

	Normalmente a parte superior dos exemplares mostra a forma figurativa de um animal (pássaro, cavalo, etc.), assente em pé de bolacha ou anel.
Produções	Cerâmica comum e vidrada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem onomatopaica e surge na documentação pelo menos desde o século XV.
Outras designações	Assobio, buzina e ocarina.
Ocorrência	Referido em 4% dos sítios.
Observações	Não foi possível relacionar este termo (nem as outras designações) com a forma. O exemplar incluído na tabela tipológica (figura 31) foi recolhido no Largo do Chafariz de Dentro, em Lisboa (Silva <i>et al.</i> , 2012).
Figura	Figura 31.

Designação	Barril
Função	Usado para armazenar alimentos líquidos.
Forma	Recipiente de tamanho médio ou grande de forma fechada. Corpo oval ou piriforme e base plana.
Morfologia	Apresenta bordos curtos, extrovertidos, espessados e demarcados exteriormente, com lábios de secção semicircular; o corpo apresenta feição piriforme ou tulipiforme; ostenta duas asas simétricas muito elevadas e assenta em base plana.
Produções	Cerâmica comum e madeira.
Etimologia e referências documentais	Termo de origem obscura; terá origem medieval e surge na documentação desde o século XVI.
Outras designações	Pote e bilha.
Ocorrência	Referido em 4% dos sítios.
Observações	Na bibliografia sobre cerâmica moderna de Lisboa, não se encontra ilustrado qualquer barril, completo ou quase. Assim, o exemplar incluído na <i>Tipologia</i> (figura 31) foi recolhido em Ria de Aveiro B (Alves <i>et al.</i> , 1998).
Figura	Figura 31.

Designação	Bilha
Função	Usado para servir à mesa e armazenar alimentos líquidos. Na mesa, de uso colectivo.
Forma	Recipiente de tamanho pequeno ou médio, de forma fechada, corpo globular, colo, boca ou gargalo estreito, com uma ou duas asas.
Morfologia	Apresenta nalguns casos bordo ligeiramente extrovertido, demarcado exteriormente e lábio de secção semicircular. Ostenta boca de feição acampanada sobre colo estreito e alto, ou colo estreito. O corpo tem feição globular ou piriforme. Assenta em base plana, nalguns casos com fundo em pé de bolacha ou anel.
Produções	Cerâmica comum, modelada e vidrada.

Etimologia e referências documentais	O termo provém do árabe, por via do castelhano (eventualmente do franco); surge na documentação escrita desde o século XII.
Outras designações	Alcarraza, garrafa e gorgoleta.
Ocorrência	Referido em 36% dos sítios.
Figura	Figura 4.

Designação	Boião
Função	Usado para armazenar e servir à mesa alimentos semi-sólidos (conservas, doces, compotas, molhos). Na mesa, de uso colectivo. Recipiente de botica (para conter pomadas).
Forma	Recipiente de pequena dimensão, de forma fechada, corpo globular; assenta em base plana ou pé anelar.
Morfologia	Apresenta bordo extrovertido, demarcado exteriormente, boca larga, com corpo de feição hemisférica; assenta em pé anelar e destacado.
Produções	Cerâmica vidrada, faiança, porcelana e vidro.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem eventualmente asiática; surge na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Potinho.
Ocorrência	Referido em 4% dos sítios.
Observações	Parece ser uma forma de época moderna sem antecedentes formais conhecidos.
Figura	Figura 5.

Designação	Botija
Função	Usado para armazenar e transportar alimentos líquidos ou conservados em ambiente líquido. Tratar-se-ia de um recipiente destinado ao transporte marítimo de longo curso, logo, relacionado com a comercialização do seu conteúdo.
Forma	Recipiente fechado de tamanho médio. Boca estreita, colo curto, corpo bojudo e fundo indiferenciado.
Morfologia	Os bordos apresentam secções triangulares ou ovais, com ou sem lábio extrovertido pendente, demarcado exteriormente; a feição do corpo também varia entre formas ovóides alongadas, globulares/arredondadas terminando em base redonda ou, por vezes, formas oblongas terminado em base pontiaguda. Ao longo das peças é possível visualizarmos carenas ligeiramente pronunciadas. A tipologia dos bordos conjugada com a forma das paredes permite classificar cronologicamente os exemplares (Goggin, 1960; Marken, 1994; Avery, 1997).
Produções	Cerâmica comum.
Etimologia e referências documentais	O termo provém do latim e surge na documentação pelo menos desde o século XVII (Sousa, 2012).
Outras	Anforeta, <i>botijuela</i> , <i>olive jar</i> e <i>peruleira</i> .

designações	
Ocorrência	Referido em 4% dos sítios.
Observações	Não está documentada a produção local desta forma, mas esta considera-se provável. Poderia designar uma medida. Na bibliografia sobre cerâmica moderna de Lisboa, não se encontra ilustrada qualquer botija, completa ou quase. Assim, o exemplar incluído na <i>Tipologia</i> (figura 31) foi recolhido em Ria de Aveiro B (Alves <i>et al.</i> , 1998; Coelho, 2012).
Figura	Figura 31.

	Brinco
Função	Miniaturas de recipientes cerâmicos utilizadas em actividades lúdicas pelas crianças. Miniaturas de recipientes cerâmicos (e outros objectos) utilizados como adorno pessoal (pendentes por meio de fita) ou com função decorativa (Vasconcelos, 1921, p. 29).
Forma	Diversas, reproduzindo recipientes cerâmicos de utilização doméstica.
Morfologia	Replica os objectos em tamanho real.
Produções	Cerâmica comum e vidrada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no germânico e surge na documentação escrita desde o século XVI. O termo – “púcaros brinquinhos” – é usado com este significado até ao século XX (Vasconcelos, 1921, p. 16).
Outras designações	Boneco, brinquedo, figura e miniatura.
Ocorrência	Referido em 11% dos sítios.
Observações	Não foi possível determinar de forma inequívoca a terminologia de época para estes objectos. Existe referência à produção de louça de pequena dimensão para brincar, no século XIV, em Évora (<i>apud</i> Vasconcelos, 1921; Liberato, 2012, p. 26; Sousa, 2012, p. 522). Os exemplares incluídos na <i>Tipologia</i> (figura 31) foram recolhidos na Rua de São Pedro Mártir/ Calçada de São Lourenço, em Lisboa (Diogo e Trindade, 1999).
Figura	Figura 31.

Designação	Candeeiro
Função	Utilizado na iluminação dos espaços domésticos.
Forma	Objecto de pequena/média dimensão, com depósito assente em haste e base plana.
Morfologia	Apresenta depósito para combustível com pequeno bico para pavio (em forma de candeia); haste cilíndrica estreita e alta com caneluras; asa que se desenvolve entre o depósito e zona mesial da haste; assenta em base troncocónica, oca e plana, decorada com sulcos e caneluras pronunciadas.
Produções presentes no	Cerâmica comum, fina, vidrada e metal.

conjunto em estudo	
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	Candeia de pé, candelabro, castiçal, palmatória e tigela de iluminação.
Ocorrência	Presente em 4% dos sítios.
Figura	Figura 6.

Designação	Candeia
Função	Iluminação (com recurso a azeite ou outro óleo combustível).
Forma	Recipiente de pequena dimensão, de forma aberta; pequeno bico (por onde sai o pavio) e base plana.
Morfologia	Recipiente baixo, assente em fundo circular. As paredes são côncavas e encimadas por um lábio extrovertido. O bordo apresenta-se lobado num dos lados, formando um bico de formato triangular.
Produções	Cerâmica comum, nalguns casos, com decoração interna composta por motivos de círculos concêntricos e em metal.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita desde o século XII.
Outras designações	Lamparina e lucerna.
Ocorrência	Presente em 20% dos sítios.
Observações	Na documentação, surge a referência a “candeia de gravato”, que possuía um pequeno cabo para suspensão na parede ou tecto.
Figura	Figura 6.

Designação	Caneca
Função	Usada para servir à mesa/beber alimentos líquidos; de utilização individual.
Forma	Recipiente de pequena dimensão, de forma cilíndrica, por vezes de tendência bojuda, ou troncocónica (ligeiramente aberta), com uma asa e base plana.
Morfologia	Apresenta bordo demarcado exterior e interiormente, com lábio de secção semicircular, corpo de formato quase cilíndrico, que assenta em base plana e tem uma asa que se desenvolve entre o bordo e o início da base. Do ponto de vista decorativo pode apresentar caneluras na zona do bordo, parede e base.
Produções	Cerâmica comum e madeira.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e só surge na documentação escrita no século XIX.
Outras designações	Copo e púcaro.
Ocorrência	Presente em 22% dos sítios.
Observações	O termo que identifica este tipo não tem suporte nas fontes

	escritas. É possível que este objecto fosse designado como “copo” ou “púcaro”.
Figura	Figura 7.

Designação	Cântaro
Função	Usado para armazenar alimentos líquidos.
Forma	Recipiente de médias e grandes dimensões, forma fechada de tendência bojuda ou ovoide, colo estreito e bordo extrovertido, com duas asas e base plana.
Morfologia	Apresenta bordo introvertido, demarcado interior e/ou exteriormente, canelado, com lábio de secção semicircular. Por vezes apresenta bordo ligeiramente extrovertido, estrangulado no colo. Colo estreito; corpo ovóide ou bojudo; tem geralmente duas asas (mas pode apresentar apenas uma) que, normalmente partem do bordo até ao ombro/meio do corpo e assenta em base plana.
Produções	Cerâmica comum.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no grego e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Bilha e pote.
Ocorrência	Presente em 24% dos sítios.
Observações	Com frequência é referido que o cântaro era coberto com testo ou prato pequeno, sobre o qual se depositava o púcaro (Fernandes, 2012).
Figura	Figura 8.

Designação	Cantil
Função	Usado para armazenar/transportar água e outros líquidos durante deslocações. Utilização individual.
Forma	Recipiente de pequena ou média dimensão, de forma fechada, redonda e achatada, colo/gargalo curto e estreito, com duas asas.
Morfologia	Apresenta bordo extrovertido, demarcado exteriormente, com lábio de secção semicircular; o corpo apresenta feição circular e achatada, dispondo de duas asas simétricas que se posicionam imediatamente abaixo do bordo.
Produções presentes no conjunto em estudo	Cerâmica comum.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no grego (?) e surge na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Cantimplora, bilha e gorgoleta.
Ocorrência	Presente em 7% dos sítios.
Observações	Recipiente portátil. “... às vezes ao sair o ar na estreiteza do cano se formam uns zunidos altos e baixos, com tons alegres e tristes de que se originou a palavra, como se dissera em latim: <i>cantat et</i>

	<i>plorat (canta e chora)</i> ” (Bluteau, 1712-1728).
Figura	Figura 9.

Designação	Escudela
Função	Usado para servir à mesa/comer alimentos sólidos ou semi-sólidos, de utilização individual.
Forma	Recipiente de pequena dimensão, de forma aberta e carenada, nalguns casos com duas pegas; fundo em ônfalo, por vezes sugerindo um anel.
Morfologia	Apresenta bordo recto, por vezes introvertido, demarcado interior e exteriormente, com lábio de secção rectangular. Apresenta corpo carenado e fundo demarcado em ônfalo ou em anel. Pode apresentar-se sem pegas ou duas pegas horizontais recortadas em forma de trevo.
Produções	Cerâmica comum e vidrada, faiança e madeira.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita desde o século XIII.
Outras designações	Malga, taça, tigela e tigela carenada.
Ocorrência	Presente em 9% dos sítios.
Observações	Aparentemente, este termo referia-se originalmente a recipientes em madeira. É uma forma aparentemente inspirada na loiça dita “malegueira”.
Figura	Figura 10.

Designação	Fogareiro
Função	Usado para cozinhar. Utilizado como recipiente de aquecimento ambiental.
Forma	Recipiente de média dimensão, de forma aberta; constituído por um corpo superior (aberto para conter as brasas que pode apresentar no bordo apêndices para sustentar a panela, tacho ou frigideira), separado por grelha de um corpo inferior (onde se depositam as cinzas).
Morfologia	O corpo superior apresenta bordo espessado e introvertido, demarcado interior e exteriormente, com lábio de secção semicircular, paredes convexas e angulosas, até à grelha; corpo inferior alto, de formato troncocónico que ostenta abertura de forma trapezoidal para limpeza de cinzas.
Produções	Cerâmica comum.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XVI.
Ocorrência	Presente em 18% dos sítios.
Observações	É considerado um recipiente portátil, conservando-se sem grandes variedades em termos formais até à actualidade.
Figura	Figura 11.

Designação	Frigideira
-------------------	-------------------

Função	Usado para cozinhar (fritar) alimentos, em azeite ou banha.
Forma	Recipiente de média dimensão, de forma aberta, pouco funda; fundo convexo; apresenta asa comprida ou, por vezes duas ou quatro asas/pegas.
Morfologia	Apresenta bordo ligeiramente espessado, demarcado exteriormente, lábio curto e de secção semicircular, corpo baixo, paredes ligeiramente extrovertidas e fundo côncavo. Pode ostentar uma única asa, comprida, com orifício semicircular na extremidade (para suspensão) ou duas ou quatro asas/pegas triangulares simétricas que se desenvolvem na zona do bordo.
Produções	Cerâmica comum, vidrada e metal.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Caçarola, caçoila e sertã.
Ocorrência	Presente em 44% dos sítios.
Observações	Segundo Fernandes (2012), tratava-se de um recipiente metálico com asa comprida. O recipiente correspondente em cerâmica e com duas asas/pegas, seria designado “sertã”.
Figura	Figura 12.

Designação	Infusa
Função	Usado para servir à mesa alimentos líquidos; de utilização colectiva.
Forma	Recipiente de média dimensão, de forma fechada de tendência bojuda ou ovóide; base plana; colo estreito e alongado, bordo de tendência extrovertida; pode ou não apresentar bico vertedor.
Morfologia	Apresenta bordo ligeiramente introvertido, lábio de secção semicircular, boca larga, moldurada na zona inferior; é provido de uma asa que se posiciona no ombro e que se desenvolve até meio do corpo. Outras variantes mostram o colo alto e cilíndrico com caneluras, providas de uma asa que se desenvolve entre o colo e o meio da peça. Noutros casos, pode ainda apresentar o colo curto e com caneluras, boca polilobada formando um bico vertedor, asa que se desenvolve do gargalo em direcção ao meio do corpo; assente em base plana. As variantes descritas assentam em base plana.
Produções	Cerâmica comum, vidrada, metal e vidro.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Albarrada, bilha, cabaça, canjirão, cântaro e jarro.
Ocorrência	Presente em 33% dos sítios.
Figura	Figura 13.

Designação	Jarra
-------------------	--------------

Função	Usado para conter flores, com funções decorativas e ornamentais.
Forma	Recipiente de dimensão média, de forma aberta e bordo introvertido; pé alto e destacado.
Morfologia	Apresenta bordo introvertido, demarcado exteriormente, de secção semicircular, corpo troncocónico de feição piriforme; assente em pé destacado, troncocónico e oco com base demarcada exteriormente.
Produções	Cerâmica comum.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no árabe e surge na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	Vaso para plantas.
Ocorrência	Presente em 2% dos sítios.
Observações	Este termo, que originalmente se referia a um recipiente para beber, ao longo da época moderna, aparentemente vai adquirindo progressivamente sentido de recipiente de função decorativa e ornamental, em detrimento do significado/função anterior. Documentou-se apenas um exemplar.
Figura	Figura 14.

Designação	Jarrinha
Função	Usado para servir à mesa/beber alimentos líquidos; de utilização individual.
Forma	Recipiente de pequena ou média dimensão, de forma fechada, bojuda ou ovoide; com colo alto e vertical, duas asas e pé destacado de tipo “mealheiro”.
Morfologia	Apresenta bordo ligeiramente extrovertido, demarcado exteriormente, com lábio de secção triangular ou rectilínea, colo alto, demarcado do corpo de feição globular por caneluras e assenta em pé em bolacha. Ostenta ainda duas asas simétricas que se desenvolvem entre meio do colo e o corpo.
Produções	Cerâmica comum.
Etimologia e referências documentais	O termo “jarra” tem origem no árabe e surge na documentação escrita desde o século XIV. A utilização no diminutivo relaciona-se com a pequena dimensão da peça.
Outras designações	Púcaro.
Ocorrência	Presente em 4% dos sítios.
Observações	Esta forma surge em período tardo-medieval, representando uma evolução da forma “jarrinha” (assim referenciada na bibliografia; Gomez, 2015) de cronologia medieval-islâmica. Aparentemente desaparece precocemente (século XVI), tendo sido substituída na função pelas formas de púcaro e de caneca. No que diz respeito ao termo, não foi encontrado suporte documental que o referencie. O único termo que surge com segurança associado a recipiente para consumo individual de alimentos líquidos é o “púcaro”.
Figura	Figura 15.

Designação	Mealheiro
Função	Utilizado para armazenar (acumular pouco a pouco, reservar) moedas; utilizado com o objectivo do entesouramento.
Forma	Recipiente fechado, de pequena/média dimensão, de forma oval ou piriforme, com pé em bolacha destacado, contendo um pequeno e estreito orifício para introdução de moedas. Por vezes, possui pega em botão superior.
Morfologia	Apresenta botão de preensão de formato cónico a partir do qual se desenvolve o corpo de feição alongada e piriforme e assenta em pé alto. Ostenta ainda na parte superior do corpo uma ranhura irregular de formato oblíquo.
Produções	Cerâmica comum.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Alcancia.
Ocorrência	Presente em 7% dos sítios.
Observações	Não se encontra ilustrado qualquer mealheiro, completo ou quase, na bibliografia sobre cerâmica moderna de Lisboa. Assim, o exemplar incluído na <i>Tipologia</i> (figura 31) foi recolhido em Ria de Aveiro A (Carvalho e Bettencourt, 2012).
Figura	Figura 31.

Designação	Panela
Função	Usado para cozinhar alimentos ao lume.
Forma	Recipiente de pequena, média e grande dimensão, de forma fechada, bojuda ou ovóide, colo ligeiramente estreitado, mais ou menos diferenciado; apresenta uma ou duas asas fundo plano, convexo ou, por vezes côncavo.
Morfologia	Apresenta bordo recto, por vezes, biselado, demarcado na superfície externa, aplanado superiormente, com lábio de perfil subquadrangular ou semicircular; assenta em base plana, por vezes, convexa e angulosa, na sua ligação com o bojo. Pode ostentar apenas uma asa que liga o bordo à zona mesial do corpo, e nalguns casos quase até à base. Geralmente apresenta duas asas torças que se desenvolvem na zona do colo, no sentido horizontal.
Produções	Cerâmica comum, vidrada em tons de melado e metal. Quando vidrada, pode apresentar vestígios deste tratamento na superfície externa e totalmente revestida na superfície interna.
Etimologia e referências documentais	O termo provém do latim surgindo abundantemente na documentação escrita desde o século XI.
Outras designações	Asado, caldeirão e púcara.
Ocorrência	Presente em 71% dos sítios.
Observações	Com frequência é referido que a panela era coberta com testo (Fernandes, 2012, p. 346).

Figura	Figura 16.
---------------	------------

Designação	Pedra de Jogo
Função	Objecto utilizado em actividades lúdicas (jogos) sobre uma mesa, tabuleiro ou no chão (sendo neste caso arremessada).
Forma	Objecto de pequena dimensão, plano e de forma geralmente circular.
Morfologia	Apresenta forma circular, espessa e plana ostentando por vezes decoração brunida ou linha de tonalidade branca.
Produções	Cerâmica comum, brunida, vidrada e pintada, faiança, porcelana, metal, osso e pedra.
Etimologia e referências documentais	O termo provém do latim e surge na documentação escrita desde o século XI.
Outras designações	Disco, ficha, malha, marca de jogo e peça de jogo. Para estas designações consultou-se principalmente Sousa (2011, p. 518-519).
Ocorrência	Frequente mas indeterminada.
Observações	Não foi determinada relação inequívoca entre o objecto e o termo. São peças produzidas a partir de fragmentos cerâmicos, ou seja, trata-se de um aproveitamento secundário de peças cerâmicas. Existem em dimensões muito variadas, destinando-se provavelmente a jogos distintos. Os exemplares incluídos na <i>Tipologia</i> (figura 31) foram recolhidos no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, em Lisboa.
Figura	Figura 31.

Designação	Pote
Função	Usado para armazenar alimentos. Recipiente de botica. Utilizado em actividades industrio-artesanais (lagar).
Forma	Recipiente de média e grande dimensão, de forma fechada, bojuda, assente em base plana; por vezes apresenta duas asas.
Morfologia	Apresenta o bordo introvertido, com duas asas simétricas que se desenvolvem entre o ombro e a zona mesial do corpo da peça de feição globular no topo, tornando-se mais recta até à base plana.
Produções	Cerâmica comum e vidrada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no francês, alemão e holandês e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	Asado, atanon, barril, porção, púcaro e talha.
Ocorrência	Presente em 44% dos sítios.
Observações	Com frequência é referido que o pote era coberto com testo. A morfologia deste tipo não está fixada, pois são apresentadas três peças diferenciadas.
Figura	Figura 17.

Designação	Prato
Função	Usado para servir à mesa/comer alimentos sólidos. Na mesa, de

	uso geralmente individual (podendo ser colectivo, sobretudo os exemplares de maiores dimensões).
Forma	Recipiente de pequena e média dimensão, de forma aberta, em que a altura é significativamente inferior à largura.
Morfologia	Apresenta o bordo boleado e aba larga e extrovertida, paredes troncocónicas que assentam em pé em anel. Por vezes exhibe ainda na superfície externa estrias/caneluras ao longo de toda a peça, inclusive no bordo. Algumas peças em cerâmica modelada mostram bordos extrovertidos, com abas descaídas, por vezes, onduladas e, nalguns casos, com a aplicação de decoração simples através da digitação.
Produções	Cerâmica comum, modelada, vidrada e metal.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita desde o século XV.
Outras designações	Pratel, testo e trincho.
Ocorrência	Presente em 51% dos sítios.
Observações	Com dimensão mais pequena surge na documentação a designação de “pratel”. Por vezes, numa das suas variantes, esta forma confunde-se com a forma “testo”: “prato pequeno que se colocava sobre os cântaros de água e sobre o qual se depositava o púcaro” (Fernandes, 2012). Existe ainda uma variante aparentemente inspirada na loiça dita “malegueira”.
Figura	Figura 18.

Designação	Púcaro
Função	Usado para servir à mesa/beber alimentos líquidos; de utilização individual. Usado para apoio à função de armazenamento, para tirar líquido de outros recipientes de maiores dimensões (cântaros, potes e talhas). Pode ainda ser utilizado como recipiente de cozinha (confeccionar ou aquecer alimentos).
Forma	Recipiente de pequena dimensão, forma fechada, de tendência cilíndrica ou ovóide, colo diferenciado de tendência vertical, mais ou menos alto e uma única asa.
Morfologia	Apresenta bordo extrovertido, demarcado exteriormente, a partir do qual se desenvolve a asa prolongando-se até ao corpo de feição globular; assenta em base plana ligeiramente destacada.
Produções	Cerâmica comum e modelada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem em dialecto moçarábico (?) e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	Quarta, potinho e púcara.
Ocorrência	Presente em 53% dos sítios.
Observações	Esta forma, embora com claros antecedentes medievais, substitui funcionalmente a “jarrinha” de cronologia medieval-islâmica e tardo-medieval.
Figura	Figura 19.

Designação	Recipiente de Medida
Função	Usado na actividade comercial (venda de alimentos líquidos e secos). Usado na cozinha (na confecção das receitas).
Forma	Recipientes de dimensão variada, forma fechada e ligeiramente troncocónica, com base plana e asa única, posicionada junto ao fundo. A variante de dimensão mais pequena apresenta por vezes pé destacado.
Morfologia	Apresenta bordo plano, rectilíneo e, por vezes, extrovertido, demarcado interior e exteriormente, com lábio de perfil semicircular.
Produções	Cerâmica comum; madeira e metal.
Etimologia e referências documentais	Origem variável (depende de cada medida); surgem abundantes referências na documentação escrita desde o período medieval.
Outras designações	Púcaro; medida de cereais; almude, quarta, alqueire, arrátel, arroba, maquia, etc.
Ocorrência	Presente em 18% dos sítios.
Observações	O termo não surge na documentação, sendo estes recipientes referidos pela sua medida de capacidade. A classificação neste tipo depende da localização da asa, do bordo que se apresenta cortado no topo e da existência de marcas/inscrições de medida ou de aferição de medida gravadas após cozedura. A necessidade de aferição da capacidade destes recipientes existiria apenas para os que eram utilizados no comércio (Viana, 2015, p. 58).
Figura	Figura 20.

Designação	Salseira/Saleiro
Função	Usado para servir à mesa molhos, sal, especiarias, temperos, ervas, etc.; de utilização colectiva.
Forma	Recipiente de pequena dimensão, de forma aberta, por vezes carenada, de paredes envasadas ou verticais; base plana, geralmente espessa e maciça.
Morfologia	Apresenta bordo rectilíneo, corpo hemisférico baixo e assenta em base plana.
Produções	Cerâmica comum e vidrada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	Especieiro, salsinha e taça.
Ocorrência	Presente em 9% dos sítios.
Figura	Figura 21.

Designação	Servidor
Função	Usado na higiene pessoal, para conter dejectos humanos.
Forma	Recipiente de dimensão média, forma de tendência cilíndrica;

	bordo extrovertido, largo e plano; base plana e duas asas.
Morfologia	Apresenta bordo largo, extrovertido em forma de aba, demarcado exteriormente, onde se desenvolvem duas asas simétricas até à zona mesial do corpo e assenta em base plana.
Produções	Cerâmica comum e vidrada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Bacia, bacio, bacio de quarto, bacio servidor, bispote, calhandro, camareira, camareiro, vaso de águas, vaso de quarto, vaso de noite e penico.
Ocorrência	Presente em 22% dos sítios.
Observações	Há uma forma baixa, mais pequena e decorada, a que alguns autores chamam “bacia”. A partir do século XVIII, a forma evolui para recipientes de menor dimensão, de corpo bojudo e uma asa (bacio ou penico).
Figura	Figura 22.

Designação	Sino
Função	Objecto destinado a sinalizar sonoramente um chamamento, em espaço doméstico. Utilizado também em funções religiosas/rituais.
Forma	Objecto de pequena dimensão, de forma cónica oca, sem fundo e com pendulo.
Morfologia	Apresenta forma cónica, assente em base larga que vai estreitando até ao topo, onde ostenta uma pequena pega de formato circular para o sino ser manobrado.
Produções	Cerâmica comum, modelada e metal.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita desde o século XII).
Outras designações	Badalo e campinha.
Ocorrência	Referido em 4% dos sítios.
Observações	O exemplar incluído na <i>Tipologia</i> (figura 31) foi recolhido no Pátio Linheiro/Largo dos Trigueiros, em Lisboa (Bargão e Ferreira, 2013).
Figura	Figura 31.

Designação	Taça de pé alto
Função	Usado para servir à mesa/beber alimentos líquidos; de utilização individual.
Forma	Recipiente de pequena dimensão, de forma aberta com pé alto.
Morfologia	Apresenta bordos boleados ou rectos; paredes rectas com duas asas verticais; corpo de forma hemisférica. Do ponto de vista decorativo surgem motivos digitados ou estampilhados, de feição ovóide, frisos ou linhas de ônfalos nas paredes das peças, por vezes, combinando ambas originando uma deformação na peça provocada pela pressão dos dedos contra a parede. Surgem ainda exemplares com bordo extrovertido, com carena no centro do

	corpo. Pé alto, troncocónico e oco.
Produções	Cerâmica modelada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no árabe e surge na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	Cálice.
Ocorrência	Presente em 4% dos sítios.
Observações	Este tipo não aparece na documentação municipal (posturas, taxas e regimentos de oleiros), parecendo tratar-se de um recipiente usado em exclusivo pelos grupos sociais mais elevados.
Figura	Figura 23.

Designação	Tacho
Função	Usado para cozinhar, ao lume ou no forno. Eventualmente utilizado também para servir à mesa (terrina?), neste caso de utilização colectiva.
Forma	Recipiente de média dimensão, de forma aberta e corpo baixo; fundo convexo; duas asas ou pegas; apresenta geralmente no bordo ressalto para encaixe de testro. Aparentemente, no século XVII, surge um segundo tipo, de corpo alto e envasado com duas ou quatro asas/pegas.
Morfologia	Apresenta bordo bipartido, com lábio de perfil semicircular, com uma pequena lingueta, por vezes muito introvertida que permite o encaixe da tampa/testro. Na passagem do bordo para o corpo, a peça sofre uma inflexão; as paredes são baixas, ligeiramente extrovertidas e, por vezes, de tendência hemisférica, e assentam em base convexa. Ostentam ainda duas asas simétricas, torças, que se desenvolvem no sentido horizontal na zona do bordo ou, por vezes, partem da inflexão até à zona da base. Do ponto de vista decorativo as paredes encontram-se normalmente adornadas com caneluras no seu topo ou incisão ondulada contínua, e, por vezes, na pequena lingueta onde encaixa a tampa/testro, surge também incisão ondulada contínua. Em alguns exemplares vemos ainda o bordo profusamente decorado por dedadas.
Produções	Cerâmica comum e (raramente) vidrada. Vulgarmente era em metal – liga de cobre e ferro –, sendo o tacho de barro, uma imitação dos tachos de metal, referidos no regimento lisbonense (Fernandes, 2012).
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem obscura e surge na documentação escrita desde o século XV.
Outras designações	Assadeira (?), caçarola, caçoila, pingadeira (?), talhador (?) e terrina.
Ocorrência	Presente em 49% dos sítios.
Figura	Figura 24.

Designação	Talha
Função	Usado para armazenar alimentos líquidos ou cereais.

Forma	Recipiente de grande dimensão, geralmente de forma bojuda, colo curto, bordo de tendência introvertida; base plana. Por vezes, apresentam duas asas. Alguns exemplares apresentam decoração incisa, modelada ou com aplicações plásticas.
Morfologia	Apresenta bordo curto, demarcado exterior e interiormente, de secção quadrangular; o corpo mostra feição piriforme e assenta em base plana. Do ponto de vista decorativo, poderá apresentar aplicações plásticas, incisões e impressões.
Produções	Cerâmica comum e vidrada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim, via castelhano, e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	Barril e pote.
Ocorrência	Presente em 16% dos sítios.
Observações	Na bibliografia sobre cerâmica moderna de Lisboa, não se encontra ilustrada qualquer talha, completa ou quase. Assim, o exemplar incluído na <i>Tipologia</i> (figura 31) foi recolhido em Silves (Gomes, 1996, p. 169).
Figura	Figura 31.

Designação	Tampa
Função	Usado para servir à mesa, cobrindo recipientes (açucareiros, bilhas e cântaros).
Forma	Recipiente de forma cónica, com pega central.
Morfologia	Apresenta forma troncocónica, com uma pega superior em botão de forma triangular. Mostra uma aba exterior de feição triangular própria para assentar/cobrir os recipientes. Por vezes pode apresentar decoração composta por uma banda na parte central da parede com incisões.
Produções	Cerâmica modelada e pedrada (peça 27.2).
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no gótico e surge na documentação escrita desde o século XVI.
Ocorrência	Presente em 13% dos sítios.
Observações	Não há evidências de que este objecto fosse designado através deste termo. Parece tratar-se de um recipiente de uso restrito, limitado aos grupos sociais mais elevados.
Figura	Figura 25.

Designação	Testo
Função	Usado nas funções de cozinha e armazenamento, para cobrir recipientes (cântaros, panelas, potes e tachos), para resguardar o seu conteúdo, preservar a temperatura ou auxiliar na cozedura dos alimentos.
Forma	Recipiente de pequena ou média dimensão, de forma aberta, troncocónica, por vezes de tendência plana; apresenta pega central; base plana, ligeiramente côncava ou convexa.

Morfologia	Apresenta bordo com lábio de perfil semicircular, espessado; paredes extrovertidas; uma pega em botão e assenta em base plana.
Produções	Cerâmica comum e vidrada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita no século XIV e, muito frequentemente, desde o século XVI.
Outras designações	Cobertura, sapadeiro, tampa, telhador e trincho.
Ocorrência	Presente em 53% dos sítios.
Observações	Esta forma, principalmente enquanto fragmento, confunde-se com a forma prato.
Figura	Figura 26.

Designação	Tigela
Função	Usado para servir à mesa alimentos sólidos, semi-sólidos, sopas ou caldo; de utilização individual ou colectiva, em função da dimensão. Os exemplares mais pequenos também podiam ser usados no serviço de mesa para consumo individual de líquidos. Também poderia ser usado na cozinha na preparação e até cozedura (no fogo ou no forno) dos alimentos, ou na lavagem de outros recipientes (como pequeno alguidar).
Forma	Recipiente de pequena ou média dimensão, de forma aberta, troncocónica, por vezes carenada; fundo plano, destacado ou em anel.
Morfologia	Apresenta bordo extrovertido, com ressalto, com lábio de secção semicircular; ou bordo por vezes simples; assenta em pé em bolacha, por vezes ligeiramente convexo. Nalguns casos, o corpo mostra carena ao centro, caneluras na zona do bordo, assentando em pé anelar, ligeiramente destacado. Surgem ainda peças que mostram bordo aplanado superiormente e corpo de forma hemisférica. Alguns exemplares mostram um bordo introvertido de secção semicircular, com pequena asa de feição triangular, corpo de forma troncocónica assente em base plana.
Produções	Cerâmica comum, vidrada e faiança.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	<i>Ataifor</i> , bacia, caçoila, cuscuzeiro, escudela, gamela, malga, saladeira, taça, taça carenada e talhador.
Ocorrência	Presente em 69% dos sítios.
Observações	Trata-se de um recipiente multifuncional e morfologicamente muito diferenciado. Surge em dimensões muito variadas.
Figura	Figura 27.

Designação	Trempe
Função	Usado para cozinhar, sobre o lume ou brasas, como suporte para os recipientes de cozinha (frigideira, panela ou tacho).
Forma	Peça em forma de triângulo ou arco, que assenta sobre três pés

	macios.
Morfologia	Apresenta base plana e vazada que assenta em três pés salientes e destacados de secção triangular.
Produções	Cerâmica comum e metal (ferro).
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Tripeça e tripé.
Ocorrência	Presente em 4% dos sítios.
Observações	As trespes surgem referenciadas na documentação mas sempre em metal (não se conhecem referências escritas a trespes em cerâmica). É considerado um utensílio portátil.
Figura	Figura 28.

4. Distribuição, frequência e cronologia

Os 45 sítios arqueológicos com espólio cerâmico publicado e que, portanto, forneceram informação útil para o presente estudo, foram cartografados sobre a Planta de Lisboa, posterior a 1780 (Coleção de Augusto Vieira da Silva, nº 43, Planta 4; GEO/CML), na qual se sobrepõem as cartografias pré e pós terramoto. Verifica-se que grande parte dos sítios (31) se encontra no perímetro muralhado do final da Idade Média (ou seja, no interior da Cerca Fernandina), ou na sua envolvente próxima. Considera-se, por isso, que na amostra utilizada poderá verificar-se algum défice de representatividade relativamente ao território urbano de época moderna, principalmente no que se refere às cronologias mais recentes (séculos XVII e XVIII) e às zonas de frente ribeirinha e de expansão urbana para Oeste e Este da cidade medieval.

Inserir Figura 30

Relativamente ao tipo de contextos que forneceram os objectos cerâmicos que estão na base desta tipologia, pode referir-se numa abordagem genérica que se registaram: convento (3), contexto habitacional (23), contexto de armazenamento (1), depósito fluvial (2), hospital (1), olaria (3), palácio (6), quinta (1) e indeterminado (8). Tentou-se estabelecer uma correlação entre o tipo de contexto e a ocorrência de determinados tipos cerâmicos, nomeadamente os menos abundantes, mas sem sucesso, provavelmente devido à pequena dimensão da amostra e à natureza pouco sistemática da informação de base.

Dos 45 sítios representados, apenas três não têm cerâmica comum publicada; 24 sítios não têm cerâmica vidrada publicada; apenas 15 sítios têm exemplares de cerâmica fina (modelada, incisa e pedrada) publicada. Relativamente aos grupos funcionais, 89% dos

sítios forneceram cerâmica de cozinha; 80% dos sítios facultaram loiça de mesa; 58% forneceram loiça de armazenamento e transporte; e 56% dos sítios proporcionaram objectos integráveis em outras funcionalidades (nomeadamente, higiene, iluminação e lúdicas).

Foi ponderada a frequência relativa dos tipos cerâmicos considerados, com a terminologia proposta no presente estudo. As frequências numéricas apresentadas contêm, certamente, uma margem de erro, pois muitas vezes os tipos são referidos mas não ilustrados ou, na maioria dos casos, referem-se a fragmentos. A “reclassificação terminológica” efectuada também comporta alguma possibilidade de erro, uma vez que, com frequência, apenas tivemos acesso a referência escrita não ilustrada ou ilustrada apenas com peças fragmentadas.

Como já foi mencionado, o carácter e abrangência muito diferenciados das publicações que constituem a fonte para esta ponderação de frequência (em relação à totalidade dos objectos cerâmicos efectivamente recolhidos) impossibilitam conclusões definitivas, permitido apenas uma apreciação de presença/ausência nas referências bibliográficas (e não nas colecções arqueológicas). Contudo, considera-se, que as frequências apresentadas para cada tipo constituem, ainda assim, um indicador fiável, para além do único para já possível, relativamente à sua maior ou menor representatividade nos conjuntos cerâmicos da cidade de Lisboa.

Relativamente à loiça de cozinha e à frequência dos tipos cerâmicos definidos, verifica-se, que o tipo mais abundante é a panela (presente em 71% dos sítios), seguido do alguidar (60%), do testo (53%), do tacho (49%) e da frigideira (44%). Com ocorrência mais rara, registam-se o fogareiro, o almofariz e a trempe.

No que respeita à loiça de mesa, os tipos mais frequentes nos sítios em apreço são a tigela (presente em 69% dos sítios), o púcaro (53%), o prato (51%), a bilha (36%) e a infusa (33%). Com ocorrência mais rara registam-se o açucareiro, a escudela, a caneca, a salseira/saleiro, a tampa, a taça de pé alto e a jarrinha.

Quanto aos recipientes de armazenamento e transporte, estão representados o pote (presente em 44% dos sítios), o cântaro (24%) e a talha (16%). Com frequência mais reduzida, há a referir o cantil, o barril, a botija e o boião.

Utilizado na higiene pessoal, destaca-se o servidor (presente em 22% dos sítios). Na iluminação, regista-se a candeia (em 20% dos sítios) e o candeeiro (4%). Noutras funções, registam ocorrência muito reduzida: o recipiente de medida, o brinco, o mealheiro, o sino, o apito e a jarra decorativa.

Relativamente à cronologia dos conjuntos cerâmicos verifica-se algum equilíbrio em relação aos quatro séculos abrangidos neste estudo (XV, XVI, XVII e XVIII). O século XVI é o melhor representado (presente em 32% dos 45 sítios arqueológicos da amostra), seguindo-se os séculos XVII e XVIII (em 25% dos sítios) e, por fim, o século XV, apenas representado em 18% dos sítios.

Inserir tabela 2

Na conclusão do trabalho foi possível elaborar a *Tipologia* da cerâmica de Época Moderna na cidade de Lisboa, ou seja, a expressão gráfica sintética dos 37 “tipos” cerâmicos definidos. Na elaboração desta estampa final, utilizaram-se essencialmente peças publicadas seleccionadas (que integram as estampas de cada “tipo”), com o objectivo de ilustrar as principais variantes em presença. Os desenhos das peças, na sua maioria já previamente vectorizados, foram por vezes sujeitos a manipulação, no sentido da sua simplificação. Neste procedimento não foram consideradas diferenças entre as três produções em análise (cerâmica comum, vidra e fina), privilegiando-se as características morfológicas distintivas.

Na *Tipologia* estão incluídas: ilustrações de exemplares publicados para os quais não foi elaborada estampa específica (apito, brinco, jarra e sino); ilustrações de “tipos” ausentes (em forma completa ou quase) na bibliografia sobre cerâmica moderna de Lisboa, tendo-se recorrido a objectos publicados de outra proveniência (barril, botija, mealheiro e talha); e ilustrações de objectos inéditos da responsabilidade das autoras (candeeiro e pedra de jogo). Para estes casos, a legendagem e créditos bibliográficos estão incluídos nas *Fichas* da tipologia.

Inserir Figura 31

5. Nota Final

Os objectos cerâmicos são uma componente essencial da cultura material de Época Moderna, nomeadamente do que respeita ao ambiente doméstico. Desde a pré-história, a cerâmica adquire este papel preponderante e predominante, pois provém de matéria-prima geralmente acessível e abundante e com tecnologia de transformação bem dominada, e de reposição rápida, o que permite o consumo generalizado e socialmente transversal deste material.

Entre os séculos XV e XVIII, a olaria europeia, e de forma particular, a portuguesa e a lisboeta, sofrem transformações acentuadas, não tanto a nível tecnológico (as aquisições de conhecimento e inovações técnicas são quase sempre anteriores), mas essencialmente

ao nível transmissão e reprodução de modelos que gera fenómenos de padronização morfo-tipo-tecnológica, possibilitada e acentuada pela progressiva globalização do comércio e do consumo. Outro elemento distintivo relevante da cerâmica europeia deste período é a forte influência exercida pelos elementos ornamentais, iconográficos e temáticos das cerâmicas orientais, nomeadamente, da porcelana (Viterbo, 1922).

Verificam-se também nesta fase outros factores, designadamente, a complexificação da estrutura económica; a generalização do transporte marítimo transoceânico de cerâmica e de produtos envasados em recipientes cerâmicos; o crescimento acentuado das cidades, abarcando antigos arrabaldes oleiros e obrigando à criação de novos e descentrados centros de produção oleira de características iminentemente industriais; a alteração e multiplicação de usos dos objectos cerâmicos.

Estas características traduzem bem, por um lado, a complexidade do tema e, por outro, o interesse em prosseguir e aprofundar a investigação sobre a cerâmica de Época Moderna. Acresce que Lisboa, com centro produtor e consumidor, é uma cidade situada no centro das problemáticas históricas enunciadas, daí o elevado interesse no estudo da sua cerâmica.

A presente proposta tipológica para a cerâmica de Época Moderna, produzida e consumida na cidade de Lisboa, representa a síntese possível, considerada a produção científica relevante para o tema, produzida nos últimos 50 anos. É de salientar que a esmagadora maioria das referências bibliográficas utilizadas (mais de $\frac{3}{4}$) foram publicadas nos últimos 15 anos. Por esta razão deve sublinhar-se que esta proposta decorre de um esforço colectivo recente de um conjunto muito alargado de investigadores (64) que estudaram e publicaram cerâmicas desta época recolhidas em intervenções arqueológicas na cidade de Lisboa. Não apenas porque publicaram os objectos que estão na base da tipologia proposta, mas porque estes objectos foram integrados cronologicamente e também numa tipologia, ainda que informal e não previamente estabelecida. Os trabalhos publicados apresentam objectos cerâmicos normalmente integrados num “tipo”, ou seja, numa categoria morfológica e funcional. Esta interpretação de base, que recorre frequentemente a dados arqueológicos contextuais é fundamental para a abordagem agora proposta, que sistematiza e sintetiza um volume considerável de informação. Esta proposta representa assim também um esforço de revisão crítica de diferentes categorizações morfológicas e funcionais, partindo de pressupostos mais abstratos, pois lida com informação científica secundária,

já trabalhada com recurso a métodos e perspectivas necessariamente diferenciados, proveniente de contextos diversificados.

A segunda componente fundamental desta proposta tipológica relaciona-se com terminologia, ou seja, com a designação atribuída a cada “tipo” cerâmico. Na senda de anteriores trabalhos com objectivos análogos, correlacionando os dados arqueológicos, com a informação proveniente da documentação escrita e até de fontes iconográficas e etnográficas, procurou-se determinar uma relação entre os objectos e a sua denominação. Apesar de aparentemente prosaico, este propósito reveste-se de grande complexidade. Por um lado, persistem numerosos termos cujo objecto significativo não está determinado; por outro, registam-se abundantes achados arqueológicos em cerâmica cuja designação coeva se desconhece.

Nunca é demais recuperar um pressuposto expresso nas palavras introdutórias do presente artigo: a tipologia aqui preconizada é uma primeira proposta e não um trabalho acabado. Existe não apenas a convicção, mas mesmo a certeza, que os 37 “tipos” que integram esta proposta tipológica não esgotam o repertório cerâmico efectivamente produzido e utilizado em Época Moderna na cidade de Lisboa. Ou seja, a tipologia será necessariamente alargada, em função da evolução da investigação sobre este tema. Mais e diferentes objectos cerâmicos serão publicados, com informação suficiente que permita a sua categorização e a orientação da pesquisa sobre a sua denominação.

Por fim, fazem-se votos que esta proposta tipológica cumpra a sua função de normalização no discurso científico e de uniformização de critérios metodológicos no estudo de coleções cerâmicas. Pretende-se assim facilitar a leitura e interpretação dos trabalhos científicos, assim como a transmissão de informação entre quem trabalha sobre o objecto comum que é a cidade de Lisboa, em Época Moderna. Espera-se ainda que possa constituir um instrumento de trabalho válido e útil, para quem escolha utilizá-lo, mas que igualmente seja sujeito à necessária discussão científica sobre os seus pressupostos e conteúdo, com vista a uma permanente revisão e implementação futura.

6. Bibliografia

ALVES, Francisco; RODRIGUES, Paulo, Jorge; GARCIA, Cristina; ALELUIA, Miguel (1997): A cerâmica dos destroços do navio dos meados do Século XV, Ria de Aveiro A e da Zona Ria de Aveiro B. Aproximação tipológica preliminar. In DIOGO, João Manuel; ABRAÇOS, Helder Chilra (eds.), *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, pp. 185-210.

AMARO, Clementino (1983): XX séculos de arqueologia e história. In *Catálogo da XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura: a Dinastia de Avis e a Europa - Casa dos Bicos. Lisboa: Maio-Outubro 1983*. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros, pp. 251-252.

AMARO, Clementino (dir.), (1995): *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros*, Lisboa: Fundação Banco Comercial Português, 51 p.

AMARO, Clementino (2002): Percorso arqueológico através da Casa dos Bicos. In *De Olisipo a Lisboa. A Casa dos Bicos*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 11-27.

ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César (eds.) (2013): *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1221 p.

AVERY, George (1997): *Pots as packagings: the Spanish Olive jars and Andalusian Transatlantic Commercial Activity, 16th-18th centuries*. Gainesville Florida.

BARGÃO, André; FERREIRA, Sara (2013): Pátio Linheiro, Largo dos Trigueiros: um exemplo da Lisboa seiscentista. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César (eds.), *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1049-1055.

BATALHA, Luísa; CARDOSO, Guilherme (2013): Poço seiscentista no Vale de Alcântara (Santa Isabel, Lisboa). *EMERITA - Estudos de Arqueologia e Património Cultural*, 1, pp. 113-140. Disponível em: http://emeritaeapc2013.info/Poco_Vale_Alcantara.pdf [consultado em Maio de 15 de Maio de 2015].

BLUTEAU, Rafael (1712-1728): *Vocabulário português e latino...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus. 10 vol. <http://purl.pt/13969/4/> [consultado em Maio de 15 de Maio de 2015].

BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond (2011): Dos tachos e panelas aos açucareiros e bules. Recipientes para confeccionar e servir alimentos em Portugal na Época Moderna. *História Questões & Debates*, 28: 54. Curitiba: Editora UFPR, pp. 71-101.

BRITO, Carla Ferreira; DIAS, Mafalda Enes; MATOS, Rui; GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (2001): *Um olhar sobre o Castelo de São Jorge – século VII – século XX*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro da Reabilitação Urbana dos Bairros Históricos, 63 p.

BRITO, Sara; BARBOSA, Regis (2012): Vestígios modernos de uma intervenção de emergência na Rua Rafael Andrade (Lisboa). In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1), Vol. 1. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores, pp. 151-156.

BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO, Helena; CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaquelina; FERNANDES, Isabel Cristina; GOMES, Ana; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; GONÇALVES, Maria José; GRANGÉ, Mathieu; INÁCIO, Isabel; LOPES, Gonçalo; SANTOS, Constança (2010): Projecto de sistematização para a cerâmica islâmica do Gharb al-Ândalus. *Xelb*, 10. Silves: Câmara Municipal de Silves, Museu Municipal de Arqueologia, pp. 455-476.

CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2013): Redescobrimo a História de Carnide: a Intervenção Arqueológica no Largo do Coreto e Envolvente. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César (eds.), *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1025-1032.

CARVALHO, Patrícia; BETTENCOURT, José (2012): De Aveiro para as margens do Atlântico. A carga do navio Ria de Aveiro A e a circulação de cerâmica na época moderna. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1), Vol. 2. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores, pp. 733-746.

CASIMIRO, Tânia Manuel (2011): Estudo do espólio de habitação setecentista em Lisboa. *O Arqueólogo Português*, 1, Série V. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 689-726.

COELHO, Inês Pinto (2012): Muito mais do que lixo: a cerâmica do sítio arqueológico subaquático Ria de Aveiro B-C. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1), Vol. 2. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores, pp. 757-770.

COELHO, Inês Pinto; BUGALHÃO, Jacinta (2015): Cerâmica. In BUGALHÃO, Jacinta (dir.), *Uma casa pré-pombalina na Baixa Lisboeta*. (Arqueoarte, 3). Lisboa: Centro de História de Aquém e Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas-Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores, pp. 31-54.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001): 2 vol. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa/Editorial Verbo.

DIOGO, António Manuel Dias; TRINDADE, Laura (1995): Cerâmicas de Lisboa provenientes de contextos datados. Materiais de uma lareira de cozinha destruída pelo Terramoto de 1755. In DIOGO, João Manuel; ABRAÇOS, Helder Chilra (eds.), *I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 163-170.

DIOGO, António Manuel Dias; TRINDADE, Laura (1998): Intervenção Arqueológica na Rua João do Outeiro, nº 36/44, na mouraria, em Lisboa. In DIOGO, João Manuel; ABRAÇOS, Helder Chilra (eds.), *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal, pp. 257-265.

DIOGO, António Manuel Dias; TRINDADE, Laura (1999): Brinquedos populares de Lisboa em barro vermelho, à época do Marquês de Pombal. *Olisipo*, 10 (Outubro), II Série. Lisboa: Grupo de Amigos de Lisboa, p. 66-70.

DIOGO, António Manuel Dias; TRINDADE, Laura (2000a): Cerâmicas de barro vermelho, encontradas em entulhos do terramoto de 1531, na intervenção arqueológica da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3:2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 201-235.

DIOGO, António Manuel Dias; TRINDADE, Laura (2000b): Intervenção arqueológica na Rua de São Nicolau, n.º 107/111 (Lisboa). *Arqueologia e História*, 52 (Estudos de Lisboa, Séculos XV a XIX, I Colóquio Temático). Lisboa: AAP/Edições Colibri, pp. 231-253.

DIOGO, António Manuel Dias; TRINDADE, Laura (2001): Intervenção arqueológica de emergência na Rua dos Correeiros, Baixa de Lisboa. As sondagens n.ºs 3, 11, 26 e 27. *Arqueologia e História*, 53 (Estudos de Lisboa - séculos VIII-XV – II Colóquio Temático). Lisboa: AAP/Edições Colibri, pp. 15-33.

DIOGO, António Manuel Dias; TRINDADE, Laura (2008): Cerâmicas de barro vermelho, encontradas em entulhos do terramoto de 1531, Lisboa. *Actas das 4.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 171-185.

ETCHEVARNE, Carlos; SARDINHA, Olinda (2007): A cerâmica vermelha fina do Convento de Sant'Anna (Lisboa), no acervo do Museu Nacional de Arqueologia. *O*

Arqueólogo Português, 23, Série IV. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 345-372.

FERNANDES, Isabel (2012): *A louça preta em Portugal: estudo histórico, modos de fazer e de usar*. Braga, Universidade do Minho/Instituto de Ciências Sociais. Tese de Doutoramento em História, Especialidade de Idade Contemporânea. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24904> [consultado em Maio de 15 de Maio de 2015].

FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues; NEVES, Maria da Conceição Machado (2005): Intervenção Arqueológica na Igreja do Convento do Carmo. *Construindo a Memória. As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 580-609.

FILIPPE, Victor; CALADO, Marco; FIGUEIREDO, Margarida; CASTRO, Anabela (2013): Intervenção Arqueológica na Rua do Espírito Santo, Castelo (Lisboa). Do romano republicano à época contemporânea: dados preliminares. *Al-Madan Online*, 17, Tomo II. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, pp. 6-12. https://issuu.com/almadan/docs/maqueta_17_2_completa_online [consultado em Maio de 15 de Maio de 2015].

FREIRE, Anselmo Braamcamp (2001): *Arquivo historico portuguez*, 11 vol. Santarém: Câmara Municipal de Santarém. 2.^a Edição.

GASPAR, Alexandra; AMARO, Clementino (1997): Cerâmicas dos séculos XIII-XV da cidade de Lisboa. In *La céramique médiévale en Méditerranée. Actes du V^{ème} Congrès l'AIECM2*. Aix-en-Provence: Narration Éditions, pp. 337-345.

GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (2012): A cerâmica moderna do Castelo de S. Jorge: produção local de cerâmica comum, pintada a branco, moldada e vidrada e de faiança. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1), Vol. 2. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores, pp. 719-732.

GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana; MENDES, Henrique Calé; PINTO, Paula; GUERRA, Sandra; RIBEIRO, Suzana; PIMENTA, João; VALONGO, António (2009): Cerâmicas do século XV-XVI da Casa do Governador – Castelo de S. Jorge, Lisboa. In ZOZAYA, Juan; RETUERCE, Manuel; HERVÁS, Miguel Ángel; JUAN, Antonio de (eds.), *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el*

Mediterráneo. Ciudad Real - Almagro del 27 de febrero al 3 de marzo de 2006, Tomo II. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval, pp. 653-672.

GOGGIN, John (1960): The Spanish Olive Jar. An Introduction Study. *Yale University Publications in Anthropology*, 62. *Papers in Caribbean Anthropology*, n.^{os} 57-64, compiled by Mintz, Sidney W. Yale.

GOMES, Ana; GASPAR, Alexandra; PIMENTA, João; GUERRA, Sandra; MENDES, Henrique; RIBEIRO, Susana; VALONGO, António; PINTO, Paula (2003): Castelo de São Jorge – balanço e perspectivas dos trabalhos arqueológicos. *Revista Património e Estudos*, 4. Lisboa: IPPAR, p. 214-223.

GOMES, Ana; GASPAR, Alexandra; VALONGO, António; PINTO, Paula; GUERRA, Sandra; RIBEIRO, Susana; MENDES, Henrique Calé; PIMENTA, João (2009): “Cerâmicas medievais provenientes do Beco do Forno – Castelo de S. Jorge”. In ZOZAYA, Juan; RETUERCE, Manuel; HERVÁS, Miguel Ángel; JUAN, Antonio de (eds.), *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo. Ciudad Real - Almagro del 27 de febrero al 3 de marzo de 2006*, Tomo II. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval, pp. 955-962.

GOMES, Mário Varela (2008) – Dois fornos de cerâmica de Silves (Sécs. XVI -XVII) – Notícia preliminar. In DIOGO, João Manuel; ABRAÇOS, Helder Chilra (eds.), *Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo. Actas das 3.^{as} Jornadas*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 271-292.

GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (2007): Escavações arqueológicas no Convento de Santana, em Lisboa. Resultados Preliminares. *Olisipo*, 27, Série II. Lisboa: Grupo de Amigos de Lisboa, pp. 75-92.

GOMES, Paulo Dordio Gomes (1996): O livro de cozinha da infanta Dona Maria. *Olaria: estudos arqueológicos, históricos e etnográficos*, 1 (Dezembro), 2.^a Série. Barcelos: Museu da Olaria, pp. 93-104.

GOMES, Rosa Varela (1996): *Xelb 3 – Silves nos Descobrimentos*. Silves: Câmara Municipal de Silves.

GOMES, Rosa Varela (2014): A Arqueologia da Idade Moderna em Portugal – contributos e problemáticas. *O Arqueólogo Português*, 2 (2012), Série V, pp. 13-75.

GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; ALMEIDA, Mariana; BOAVIDA, Carlos; NEVES, Dário; HAMILTON, Kierstin; SANTOS, Carolina (2013): Convento de Santana (Lisboa). Estudo preliminar do espólio da fossa 7. In ARNAUD, José

Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César (eds.), *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1057-1065.

GONZALEZ, Cristina (2012): Os novos espaços da cidade moderna: uma aproximação à Ribeira de Lisboa através de uma intervenção no Largo do Terreiro do Trigo. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna (Arqueoarte, 1)*, Vol. 1. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores, pp. 85-94.

LIBERATO, Marco (2012): *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval. Uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI*. Tese de mestrado em Arqueologia apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/6023> [consultado em Maio de 15 de Maio de 2015].

MACHADO, de José Pedro (1987): *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 4.^a Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 5 Volumes.

MARKEN, Mitchell (1994), *Pottery from Spanish Shipwrecks 1500-1800*. Gainesville: Florida University Press.

MARQUES, António; LEITÃO, Eva; BOTELHO, Paulo (2012) Rua do Benfornoso 168/186 (Lisboa – Mouraria/Intendente): entre a nova e a velha cidade, aspectos da sua evolução urbanística. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna (Arqueoarte, 1)*, Vol. 1. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores, pp. 123-134.

MOITA, Irisalva (1965): Hospital Real de Todos-os-Santos II (relatório das escavações a que mandou proceder a CML de 22 de Agosto a 24 de Setembro 1960). *Revista Municipal*, 104-105. Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa, pp. 26-103.

MOITA, Irisalva (1993): As escavações de 1960 que puseram a descoberto parte das ruínas do Hospital Real de Todos-Os-Santos. In *Hospital Real de Todos-Os-Santos: Séculos XV/XVIII. Catálogo*. Lisboa: Museu Rafael Bordalo Pinheiro, pp. 20-22.

NUNES, Tiago; FILIPE, Iola (2012): Quarteirão dos Lagares: contributo para a história económica da Mouraria. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna (Arqueoarte, 1)*, Vol. 1. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores, pp. 140-150.

OLIVEIRA, Filipe Santos (2012): *Espólio de Idade Moderna do Beco das Barrelas, Alfama, Lisboa* (Dissertação de Mestrado), Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. http://hdl.handle.net/103_62/9244 [consultado em Maio de 15 de Maio de 2015].

OLIVEIRA, Teresa (coord.) (2009): *Castelo de São Jorge. Núcleo Museológico*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/EGEAC, EM, 82 p.

PRATA, Sara; DIAS, Diana; CUESTA-GÓMEZ, Fábian (2013): A memória de um espaço urbano - Trabalhos de acompanhamento arqueológico na reabilitação do n.º 2 da Rua da Saudade (Freguesia de Santiago, Lisboa). In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César (eds.), *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1041-1048.

Planta Topographica da Cidade de Lisboa, compreendendo na sua extensão abeira Mar da Ponte d' Alcântra, até ao Convento das Commendadeiras de Santos, e sua largura, da Real Praça do Commercio até ao Collegio dos Religiozos Agostinhos descalços [...]. [s.l.: s.n. s.d.]. Posterior a 1780. Coleção de Augusto Vieira da Silva, com o n.º 43 (planta 4). GEO/CML

RAMALHO, Maria M. B. de Magalhães; FOLGADO, Deolinda (2002): Cerâmica modelada ou o requinte à mesa do Convento de S. Francisco de Lisboa. In *3.º Encontro de Arqueologia Urbana. Actas*. Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 247-268.

RIBEIRO, Margarida (1987): Património cerâmico e linguístico português sob influência islâmica. In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Lisboa: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 491-596.

SANTOS, Maria João Arez (2006a): Largo Vitorino Damásio (Santos-o-Velho, Lisboa) Contributo para a história da zona ribeirinha de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9: 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 369-399

SANTOS, Vasco Leitão (2006b): Copa e área de serviço do Palácio dos Marqueses de Marialva. *Revista Estudos e Património*, 9. Lisboa: IPPAR, pp. 207-212.

SANTOS, Patrícia Augusto (2008): Cerâmicas de cronologia moderna do edifício do Aljube em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11: 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 325-345.

SILVA, António de Morais (1949-59): *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência. 10.ª Edição (revista, corrigida, muito aumentada e actualizada segundo as regras do acordo ortográfico luso-brasileiro de 10 de Agosto de

1945, por Augusto Moreno, Francisco José Cardoso Júnior e José Pedro Machado). 12 Volumes.

SILVA, Rodrigo Banha da; GUINOTE, Paulo (1998): *O quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos: roteiro arqueológico e documental dos espaços e objectos*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 285 p.

SILVA, Rodrigo Banha da; MIRANDA, Pedro; VICENTE, António Moreira; LOPES, Gonçalo; NOZES, Cristina (2012): Largo do Chafariz de Dentro: Alfama em época moderna. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1), Vol. 1. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores, pp. 71- 84.

SIMÃO, Inês (2010): Palácio Mesquitela: espaço habitacional da Lisboa Moderna e Contemporânea. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 6. Lisboa: NIA/ERA, pp. 83-89. <http://www.nia-era.org> [consultado em Maio de 15 de Maio de 2015].

SOUSA, Elvío Duarte Martins (2011): *Ilhas de Arqueologia. O Quotidiano e a Civilização Material na Madeira e nos Açores (Séculos XV-XVIII)*. Tese de Doutoramento em História Regional e Local apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/5377> [consultado em 15 de Maio de 2015].

TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António (2012): Introdução. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1), Vol. 1. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores, pp. 9-10.

TORRES, Cláudio; GÓMEZ, Susana; FERREIRA, Manuela Barros (2003): Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos. In DIOGO, João Manuel; ABRAÇOS, Helder Chilra (eds.), *Actas das 3.^{as} Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval, métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 125-134.

TORRES, Joana (2011): *Quotidianos no Convento de São Francisco de Lisboa: uma análise da cerâmica vidrada, faiança portuguesa e porcelana chinesa*. Tese de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/7125> [consultado em 15 de Maio de 2015].

TORRES, Joana (2012): Mosteiro de São Francisco de Lisboa: fragmentos e documentos na reconstrução de quotidianos. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1), Vol. 1. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores, pp. 539-550.

TRINDADE, Laura; DIOGO, António Manuel Dias (1997): Intervenção arqueológica na Travessa da Madalena, nº 18 (Lisboa). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, 3. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 67-80.

TRINDADE, Laura; DIOGO, António Manuel Dias (1998a): - Cerâmicas da época do terramoto de 1755 provenientes de Lisboa. In DIOGO, João Manuel; ABRAÇOS, Helder Chilra (eds.), *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 349-353.

TRINDADE, Laura; DIOGO, António Manuel Dias (1998b): Intervenção arqueológica nas Escadinhas da Saúde, em Lisboa. *Olisipo*, 7, II Série. Lisboa: Grupo de Amigos de Lisboa, pp. 21-30.

TRINDADE, Laura; DIOGO, António Manuel Dias (2003a): Cerâmicas de barro vermelho da intervenção arqueológica na Calçada de S. Lourenço, n.º 17/19, em Lisboa. In DIOGO, João Manuel; ABRAÇOS, Helder Chilra (eds.), *Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo. Actas das 3.^{as} Jornadas*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 203-213.

TRINDADE, Laura; DIOGO, António Manuel Dias (2003b): Cerâmicas de barro vermelho de entulhos do Terramoto de 1755 provenientes da Sondagem 14 da Rua dos Correeiros, em Lisboa. In DIOGO, João Manuel; ABRAÇOS, Helder Chilra (eds.), *Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo. Actas das 3.^{as} Jornadas*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 285-293.

VASCONCELOS, Carolina Michaelis de (1921): Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal (Subsídios para a história da arte portuguesa; 2). Coimbra: Imprensa da Universidade, 90 p.

VITERBO, Sousa, 1922 - *A Cerâmica Lisbonense nos princípios do século XVII* / (Separata de Arqueologia e História, 1). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 4 p.